



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS A DISTÂNCIA

Ana Raquel Lima de Souza

A LEITURA NO ENSINO MÉDIO: prática norteadora de um processo eficiente
e construtivo

Recife
2022

Ana Raquel Lima de Souza

A LEITURA NO ENSINO MÉDIO: prática norteadora de um processo
eficiente e construtivo

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de
Licenciatura em Letras-Português a
Distância, da Universidade Federal
de Pernambuco, como requisito
parcial para obtenção do título de
Licencianda em Letras-Português.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lima

Recife
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Souza , Ana Raquel Lima de .

A importância da leitura no ensino médio: prática norteadora de um
processo eficiente e construtivo / Ana Raquel Lima de Souza . - Recife, 2022.
36 : il.

Orientador(a): Ana Maria Costa de Araújo Lima
(Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e
Comunicação, Letras Português - Licenciatura, 2022.

1. Leitura no ensino médio . I. Araújo Lima , Ana Maria Costa de .
(Orientação). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

RESUMO

Este trabalho visa promover algumas reflexões acerca da importância da leitura no ensino médio, tendo em vista a relevância e a contribuição que a mesma desempenha como uma prática pedagógica que norteia o processo de ensino e aprendizagem não só da Língua Portuguesa, mas também de todas as demais disciplinas, tornando este processo mais eficiente e construtivo. E para que houvesse uma discussão a respeito das problemáticas envolvidas em relação a temática em questão, idealizou-se como objetivo central, verificar a importância da leitura no Ensino Médio, apontando métodos eficazes e norteadores a partir da ação do professor em sala de aula, no intuito de formar cidadãos capazes de questionar e interagir no convívio social. Como aspectos metodológicos, trata-se de um estudo bibliográfico, de caráter qualitativo e descritivo, pois é baseada em fontes literárias de diferentes autores, expondo conceitos, características e opiniões sobre o assunto estudado. Assim, este estudo encontra-se fundamentado teoricamente em diversas fontes e especialistas que tratam do tema investigado, principalmente em trabalhos de autores renomados como Bamberger (1988), Freie (1988), Kleiman (1989), Martins (1984) e Silva (1988), dentre outros que abordam acerca desta temática. No desfecho da pesquisa, concluiu-se, que existem alunos cursando o ensino médio e que apresentam sérias dificuldades quanto ao desenvolvimento da leitura e que a escola deve ter a responsabilidades quanto ao tratamento de tais problemáticas por meio a ação dos docentes, pois estes são mediadores do processo ensino aprendizagem aplicando métodos construtivos e eficazes, mostrando-lhes a importância do ato de ler e que esta prática produz nos mesmos resultados satisfatórios, se a buscarem com afincos e prazer.

Palavras-chave: Leitura; Prática pedagógica; Ensino médio; Ensino e aprendizagem.

ABSTRACT

This work aims to promote some reflections about the importance of reading in high school, in view of the relevance and contribution that it plays as a pedagogical practice that guides the teaching and learning process not only of the Portuguese language, but also of all other disciplines, making this process more efficient and constructive. And for there to be a discussion about the problems involved in relation to the theme in question, it was idealized as a central objective, to verify the importance of reading in high school, pointing out effective and guiding methods from the teacher's action in the classroom, in order to form citizens capable of questioning and interacting in social life. As methodological aspects, it is a bibliographic study, of qualitative and descriptive character, because it is based on literary sources of different authors, exposing concepts, characteristics and opinions about the studied subject. Thus, this study is theoretically based on several sources and specialists that deal with the investigated topic, mainly in works by renowned authors such as Bamberger (1988), Freie (1988), Kleiman (1989), Martins (1984) and Silva (1988).), among others that address this theme. In the outcome of the research, it was concluded that there are students attending high school and who have serious difficulties regarding the development of reading and that the school must have responsibilities regarding the treatment of such problems through the action of teachers, as these are mediators of the teaching-learning process, applying constructive and effective methods, showing them the importance of the act of reading and that this practice produces the same satisfactory results, if they seek it with determination and pleasure.

Keywords: Reading; Pedagogical practice; High school; Teaching and learning.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 A LEITURA COMO ATIVIDADE SOCIAL.....	8
3 O PROCESSO DE ENSINO DA LEITURA NO ENSINO MÉDIO....	12
4.PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	25
5. ANÁLISE DAS ATIVIDADES DE LEITURA.....	26
6 CONCLUSÕES.....	33
REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

A leitura traz benefícios aos seres humanos, uma vez que ela contribui significativamente para a formação do indivíduo, além de possibilitar que ele reflita sobre os variados processos sociais em que está inserido, evidenciando seu modo particular de analisar a sociedade e seu contexto, desenlaçando e ampliando suas interpretações sobre o mundo que o cerca.

Como parte essencial do conhecimento, a leitura aprimora nossa visão de mundo e nos fornece mecanismos teóricos fundamentais no que tange às interpretações que fazemos sobre o outro e sobre o universo social em que estamos inseridos.

Convém salientar que a prática da leitura não deve ser vista como uma mera atividade, tampouco deve ser exercida somente quando imposta pela escola. Tal prática deve acontecer espontânea e prazerosamente. E mais, a prática da leitura não se resume ao ambiente escolar, apenas. Deve, antes, estar presente em qualquer local e circunstância de nossa vida.

Segundo Silva (1988, p.22), a leitura apresenta-se como uma atividade que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de compreensão do presente e do passado e em termos de possibilidades de transformação cultural futura. Isso porque essa atividade permite ao homem refletir sobre seus atos e sobre a sociedade em que está inserido e o impulsiona a mudar o contexto em que está envolvido.

Assim, o hábito da leitura, quando cultivado como uma prática socialmente prazerosa, possibilita ao homem o conhecimento de si mesmo e do mundo que o rodeia, tornando-o um cidadão cômico de seus direitos e deveres, como integrante da sociedade.

E é exatamente nesse contexto, no entorno das discussões acerca da leitura e do seu ensino e aprendizagem em sala de aula, especialmente no Ensino Médio, que está pesquisa tem como objetivo geral o de refletir sobre a leitura no Ensino Médio e sugerir atividades que, em nosso ponto de vista, são mais eficazes do que as atividades tradicionalmente propostas, e têm potencial

para nortear a prática docente no sentido de formar cidadãos capazes de questionar e interagir no convívio social.

Esse objetivo geral, amplo, será alcançado a partir dos seguintes objetivos específicos:

- a) descrever a leitura como objeto de ensino na escola;
- b) analisar como o livro didático contribui para a formação do leitor.
- c) propor atividades para o trabalho com o eixo da leitura.

Este trabalho está teoricamente fundamentado em autores que discutem a leitura e seu ensino, como Bamberger (1988), Freie (1988), Kleiman (1989), Martins (1984) e Silva (1988), dentre outros que abordam acerca desta temática.

Cabe ressaltar que a prática das atividades voltadas para a leitura deve ser cultivada em todos os níveis de ensino, pois não, são poucos os relatos de professores do nível médio de ensino que denunciam a deficiência de seus alunos, oriundos do Ensino Fundamental, que lá chegaram sem ao menos conseguirem compreender, interpretar e produzir um texto coerente e coeso.

Portanto, a realização da presente pesquisa se justifica pelo fato de que tal deficiência tem deixado os educadores em estado de alerta e certamente preocupados, uma vez que no Ensino Médio a capacidade de leitura deve ser aprimorada, aprofundada, ampliada. Abordar a leitura, bem como seu ensino e aprendizagem na etapa do Ensino Médio, é uma temática de mais alta relevância, que interessa a educadores em geral, e aos gestores, especialmente os da Educação.

Para atender aos objetivos propostos neste estudo, optamos por organizar este trabalho nas seguintes seções: nesta Introdução, estão definidos os objetivos geral e específicos do trabalho, o suporte teórico e as justificativas para a escolha do tema.

O referencial teórico está dividido em duas seções: a primeira é intitulada “a leitura como atividade social” e nela destacamos dentre a função social da leitura como exercício da criticidade possibilidades ao leitor a interação com a demanda básica de obtenção, transmissão e transformação das informações. Na segunda seção do referencial teórico abordamos o processo sistemático da leitura no Ensino Médio, sendo enfatizadas as concepções de leitura quando

se trata do foco no leitor e no texto, desse modo é enfatizado gêneros discursivos, a funcionalidade da leitura e contato com muitos textos literários. A seção ainda menciona as dificuldades enfrentadas pelos professores e o seu papel diante deste processo.

A terceira seção apresenta os procedimentos metodológicos. Na quarta seção apresentamos a análise e interpretação dos dados da pesquisa. Finalizamos com nossas considerações finais e referências.

2 A LEITURA COMO ATIVIDADE SOCIAL

Nesta seção, trataremos um pouco sobre as contribuições da leitura na vida do cidadão. Para tanto, é preciso entender que os efeitos desse processo requerem o envolvimento mútuo da escola e do aluno. Portanto, cada uma das partes tem direitos, mas também deveres e responsabilidades a serem cumpridas efetivamente para que o processo se solidifique e os resultados sejam os melhores possíveis.

Quando falamos de leitura, a primeira coisa que nos vem à mente é a imagem de alguém numa escola ou diante de um material escrito qualquer, (seja livro, jornal ou revista) impresso ou digital, pois, para algumas pessoas, o conceito de leitura se resume apenas à tradução ou pronúncia de vocábulos. Todavia, o ato de ler é um processo abrangente e vai muito além daquilo que pensamos ou imaginamos, ou seja, o ato de ler transcende à ideia de decodificação dos signos.

Evidentemente, a leitura pode ser definida de várias formas, isto é, seu conceito não é único, tampouco está atrelado a um fator apenas, como sendo determinante de si. Ela pode ser definida quanto ao aspecto geral, mas também tem suas especificidades, se tratada a partir do enfoque que lhe é dado, o qual pode estar relacionado a um elemento linguístico, psicológico, social, entre outros.

Segundo Kleiman (2002), o(a) leitor(a) é aquele(a) que constrói, e não apenas aquele(a) que recebe um significado global para o texto. Ele(a), o(a) leitor(a), procura pistas formais, antecipa algumas pistas – a partir de seu conhecimento enciclopédico e linguístico –, formula e reformula hipóteses, além

de aceitar ou rejeitar conclusões. A atividade de leitura é, assim, extremamente dinâmica e exige do(a) leitor(a) uma intensa atividade cognitiva e interacional.

É na infância que esta atividade deve ser iniciada. Não podemos, de forma nenhuma, queimar etapas em nossa vida, seja qual for a área do crescimento. Ou seja, isso funciona como os degraus de uma escada, pois cada degrau representa um nível de conhecimento e/ou uma etapa que antecede, precisamente à outra. É necessário que as crianças sejam alfabetizadas para dar sequência ao processo de letramento com o objetivo de não contribuir para a formação de uma sociedade composta por jovens desprovidos de formação e de informações.

O conhecimento é algo necessário e desejado por todos, mas só se obtém mediante esforços. No contexto da prática da leitura, esta também tem seus frutos, no que pese as raízes serem amargas. É pela prática e aquisição da habilidade da leitura que acumulamos um conjunto de conhecimentos que caracteriza, tanto um indivíduo, mediante seu histórico de vida pessoal, quanto um grupo social, uma nação, uma etnia, por sua cultura e tradição.

Uma importante contribuição da leitura, dentre muitas, é que ela se torna uma conquista para os que a adquirem. Fato é que o ser humano, sem que perceba, está envolvido no mundo da leitura, se considerarmos que os primeiros contatos acontecem ainda no ambiente familiar em que os pais leem para os filhos, mesmo antes de fazer leitura convencional.

Começar a entender o que está lendo é, para o indivíduo uma façanha, um heroísmo. Para tal, torna-se um ponto de qualificação e de autonomia, pois a partir daí, a pessoa começa a se sentir um ser um tanto capaz e com condições mentais de se posicionar de forma crítica e segura no meio em que está inserido.

Outra importante contribuição da leitura dentre as muitas que existem, é que ela tem o poder de proporcionar ao cidadão uma formação crítica e reflexiva. Assim, entendemo-la como uma ferramenta extremamente poderosa para moldar o indivíduo leitor e lhe dá condições pedagógicas para interagir no mundo em que vive. Quando uma pessoa lê, aguça a sua capacidade racional, tornando-se alguém capaz de argumentar e posicionar-se criticamente e emitir com segurança suas opiniões em qualquer âmbito social.

Sobre este assunto, vejamos a opinião de Grossi (2008, p. 03):

Pessoas que não são leitoras têm a vida restrita à comunicação oral e dificilmente ampliam seus horizontes, por ter contato com ideias próximas das suas, nas conversas com amigos. [...] é nos livros que temos a chance de entrar em contato com o desconhecido, conhecer outras épocas e outros lugares – e, com eles abrir a cabeça. Por isso, incentivar a formação de leitores é não apenas fundamental no mundo globalizado em que vivemos. É trabalhar pela sustentabilidade do planeta, ao garantir a convivência pacífica entre todos e o respeito à diversidade.

Segundo a opinião do autor, a leitura proporciona à pessoa a oportunidade e a possibilidade de fazer novas descobertas de um mundo novo e fascinante. Por sua vez, a pessoa que não desenvolveu habilidade da leitura está redondada ao um mundo muito pequeno no sentido da comunicação, ficando refém de tudo que ouve à sua volta, não tendo, portanto, argumento de defesa, tampouco consegue se posicionar de maneira crítica em sociedade.

A leitura desenvolve a capacidade intelectual e crítica das pessoas das pessoas e deve estar inserida no dia a dia de todos, pois os que a buscam terão aguçadas sua criatividade em relação ao seu próprio meio e o meio externo.

O espaço universal pode se tornar um lugar melhor desde que seja integrada uma política de incentivo à leitura e a inclusão de novos leitores à educação. A sociedade cobre que seus novos integrantes sejam pessoas cada vez mais providas do conhecimento intelectual, mas para isso, torna-se necessário e urgente que sejam implementadas políticas de incentivo à leitura, meio pelo qual possamos ter os cidadãos devidamente preparados para o mercado de trabalho, bem como para uma sociedade salutar. Para Linard e Lima (2008, p.09)

é fundamental que as políticas de incentivo à leitura se descolem da mera organização de feiras ou da criação de bibliotecas e salas de leitura. O mais urgente é investir em material humano, com a formação de mediadores e bibliotecários capazes de semear o prazer da leitura por todo o país. Mediadores são os instrumentos mais eficientes para fazer da leitura uma prática social mais difundida e aproveitada.

Na opinião dos teóricos, a leitura é uma prática que deve ser incentivada desde cedo na vida da criança para que não aconteça de termos, no futuro, pessoas retardadas quanto à aprendizagem da leitura. Existe no ser humano um senso de imaginação que parece estar adormecido e que só será despertado pelo ato da leitura, dando-lhe possibilidade de responder a questionamentos que surgem no decorrer de sua vida. A leitura precisa ser vista como um recurso de conhecimento e integração social, não como forma de entretenimento. Indursky e Zinn, afirma que:

Assim a produção de leitura consiste no processo de interpretação desenvolvido por um sujeito-leitor que, defrontando-se com um texto, analisa, questiona com o objetivo de processar seu significado projetando sobre ele sua visão de mundo para estabelecer uma interação crítica com o texto. (INDURSKY, ZINN, 1985, p. 56).

Dessa forma, entende-se que a leitura torna o leitor devidamente qualificado e apto para decifrar, nas entrelinhas, tudo que absorveu nesse processo literário, além de poder discutir, opinar e manifestar seus pontos de vista em qualquer quer seja a matéria em comento social.

Por fim, temos como importante contribuição da leitura o fato de que ela colabora para a inserção do indivíduo no convívio social, além de constituir uma importante fonte para aquisição do conhecimento.

Reiteramos que a formação dos indivíduos é entendida como resultado decorrente do ensino aprendizagem advinda da ação mútua de duas partes – escola e aluno. Nenhuma das partes pode negligenciar seus deveres, caso contrário, a aprendizagem estará totalmente comprometida. Ao aluno cabe o interesse total pela frequência à instituição de ensino e pela aprendizagem, ao passo que à escola, cumpre a implementação de políticas de incentivo para a formação dos indivíduos, não importando em que nível esteja, seja no fundamental ou no médio, o incentivo precisa acontecer constantemente, pois a aprendizagem é continuada e deve ser ininterrupta.

Bamberger (1987, p. 29) compara o ato de saber ler a um passaporte adquirido previamente que ajudará o leitor a viajar e conhecer outro mundo, o mundo dos leitores. Segundo esse autor,

quando uma pessoa sabe ler bem, não existem fronteiras para ela. Ela pode viajar não apenas para outros países, mas também no passado, no futuro, no mundo da tecnologia, na natureza, no espaço cósmico. Descobre também o caminho para a porção mais íntima da alma humana, passando a conhecer melhor a si mesma e aos outros.

Nitidamente é perceptível que a leitura transforma o homem e o torna idôneo para absorver resultados, elucidar sentenças, fazer conjecturas e conhecer de forma mais abrangente a si mesmo e aos outros.

Como vimos até agora, a leitura continua sendo o meio mais eficaz para preparar e qualificar pessoas na condição de integrantes e colaboradores ativos para que tenhamos uma sociedade justa, sábia, letrada, equilibrada e eficiente.

Na seção a seguir, vamos tratar da leitura como objeto de ensino, focando no ensino desse eixo para alunos do Ensino Médio.

3 O PROCESSO DE ENSINO DA LEITURA NO ENSINO MÉDIO

Segundo vários autores, como Kleiman (1989), Silva (2011, Koch e Elias (2006), há diferentes concepções de leitura. Nesta seção, vamos detalhar três dessas concepções: a estruturalista, a cognitivista e a interacionista.

Nesta perspectiva, o texto é tido como fonte única de sentido. Teoricamente, sob esta ótica, o sentido estaria atrelado às palavras e às frases, estando, assim, na dependência direta da forma. Tal modelo concebe a leitura como decodificação, vista como um processo instantâneo de decodificação de letras e sons, uma visão estruturalista e mecanicista da linguagem.

No estruturalismo, a leitura baseia-se apenas no texto, e o único papel do leitor é o de decodificar inclusive nas salas de aula do Ensino Médio, fase final da educação básica, na qual se espera que os alunos já consigam produzir e ler textos dando-lhes os reais sentidos com coerência e criticidade, e possam se posicionar como cidadãos capazes de abordar aceitando ou rejeitando as proposições da sociedade.

Sobre a prática da leitura crítica nas escolas, Silva (2011, p. 93), reflete que:

A leitura crítica é a condição para a educação libertadora, é a condição para a verdadeira ação cultural que deve ser implementada nas escolas. A explicitação desse tipo de leitura, que está longe de ser mecânica (isto é, não geradora de novos significados), será através da caracterização do conjunto de exigências com o qual o leitor crítico se defronta, ou seja, constatar, cotejar e transformar.

Na opinião do autor, a leitura crítica e robusta de sentidos resulta da prática de várias técnicas que devem ser observadas pelo leitor. De acordo com Kleiman (1999, p.13), “a compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida”. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão. Oferecidos aos alunos é determinante para despertar a curiosidade e o prazer em lê-los. Neste sentido, os PCNs relatam que:

Não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura. Assim, ler compreensivamente é utilizar de uma prática que precisa ganhar cada vez mais espaço dentro e fora das escolas, pois através da leitura o indivíduo compreende o mundo e torna-se capaz de atuar como cidadão, consciente de seus direitos e deveres. (BRASIL, 1997, p.36).

Mediar o processo de aquisição da leitura é dever da escola e tarefa importante desta por meio dos docentes, porém, é relevante que esta prática seja cada vez mais valorizada e trabalhada com os alunos de maneira dinâmica para que estes compreendam com eficiência as informações imbuídas no texto e assim possam se tornar cidadãos capazes de aplicar o conjunto de

conhecimento acumulado em seu intelecto. A leitura é, portanto, fonte de saber pelo qual transformamos a nós mesmos e a realidade que nos cerca.

Fica claro que se o leitor não se utilizar de todos os mecanismos explícitos acima, jamais alcançará seus objetivos, em se tratando da real interpretação e absorção das informações contidas num determinado texto.

É preciso entender que uma boa leitura é também resultado da relação que deve ser estabelecida na construção do sentido de um texto em sala de aula. Sobre este assunto, Castello-Pereira (2005, p. 47), enfatiza que “a leitura é uma construção de sentido, pressupõe que o sentido não está predefinido no texto, mas que vai ser elaborado num processo que sugere trabalho, ‘ação entre pessoas’, num movimento dialógico, determinado por vários fatores como a situação comunicativa, as identidades sócio-históricas dos sujeitos envolvidos, bem como seus interesses e objetivos.

Kleiman (1989) menciona que a compreensão de textos envolve processos, atividades, recursos e estratégias mentais próprios do ato de compreender. A vantagem de se ler determinado texto está em compreender o caráter e o contexto das informações nele imbuídos. Entretanto, segundo a autora, temos que visar o aprimoramento da capacidade de leitura do leitor. Evidentemente a leitura é um ato social, isto é, ela acontece pelo envolvimento de dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados.

Segundo a autora:

Uma vez que o leitor conseguir formular hipótese de leitura independentemente, utilizando tanto seu conhecimento prévio como os elementos formais mais visíveis e de alto grau de informatividade, como título, subtítulo, datas fontes, ilustrações, a leitura passará a ter esse caráter de verificação de hipóteses, para confirmação ou refutação e revisão, num processo menos estruturado que aquele inicialmente modelado pelo adulto, mas que envolve, tal como o outro processo, uma atividade consciente, autocontrolada pelo leitor, bem como uma série de estratégias necessárias à compreensão. Ao formular hipóteses o leitor estará predizendo temas, e ao testá-las ele estará depreendendo o tema; ele estará também postulando uma possível estrutura textual, na predição ele estará ativando seu conhecimento prévio, e na testagem ele estará enriquecendo, refinando, checando esse conhecimento.

São todas essas estratégias, próprias da leitura, que levam à compreensão do texto. (KLEIMAN, 1989, p. 43).

Lendo a opinião da autora, parece transparecer um grau de dificuldade para se compreender um texto, levando em consideração todas as suas partes. Um leitor poderá compreendê-lo, seja ele quem for, mas para isso necessita fazer uso de seu conhecimento prévio - o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida, mas não somente isto, terá também que incluir os elementos da formalidade num grau cognitivo científico adquirido na trajetória escolar.

Assim, a capacidade de compreensão textual está condicionada mais à absorção do conteúdo linguagem oral do que simplesmente pela decodificação sinal que é um procedimento geralmente automatizado.

Segundo Kleiman (1989), quanto mais conhecimento textual o leitor tiver e quanto maior a sua exposição a todo tipo de texto, mais fácil será a sua compreensão, pois o conhecimento de estruturas textuais e de tipos de discurso determinará, em grande medida, suas expectativas em relação aos textos, expectativas estas que exercem um papel considerável quanto à compreensão.

Com base nessa perspectiva, o processo de leitura se dá do leitor para o texto, ou seja, de cima para baixo e não ao contrário. Dessa forma, o leitor é responsável pela construção do sentido, já que a leitura é permeada por seu conhecimento de mundo adquirido previamente, porque é por meio desse conhecimento que ele atribui significado ao texto.

De acordo com Coracini (2010, p. 14), “o leitor é o portador de esquemas - mentais - socialmente adquiridos, aciona estes conhecimentos prévios e os confronta com os dados do texto, “produzindo”, dessa forma, o sentido”.

Conforme Goodman (1987, p. 17) para que seja possível a compreensão, é necessário que o leitor faz inferência, explicando melhor, “complemente a informação disponível utilizando o conhecimento de conceptual e linguístico e os esquemas que já possui”. Os esquemas formam uma “rede de conhecimentos” que são armazenados de modo organizado na memória do leitor e que são acionados quando ele processa o texto.

Sendo assim, a leitura acontece de fato quando uma pessoa olha para um texto e a partir dele, seja capaz de atribuir-lhe um sentido, pois o texto se

modifica a cada leitura, porque o leitor coloca nele suas experiências, sua visão de mundo e seus conhecimentos.

Já para Kleiman (2002) o leitor é aquele que constrói, e não apenas recebe um significado global para o texto; ele procura pistas formais, antecipa essas pistas, formula e reformula hipóteses, além de aceitar ou rejeitar conclusões.

Esta concepção é validada pelo método de interlocução, isto é, tanto o texto quanto o leitor são imprescindíveis para o processo da leitura. Então, a produção de sentido está condicionada a interação entre autor, texto e leitor e o significado não fica restrito nem no texto nem no leitor, porém na interação entre texto e leitor. Neste âmbito, o ato de ler passa a ser visto como um processo que integra tanto as informações contidas no texto quanto as informações que o leitor traz para o texto.

Segundo Koch e Elias (2006, p. 10 – 11):

[...] na concepção interacional (dialógica) a língua, os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que dialogicamente se constroem e são construídos no texto considerando o próprio lugar da interação e da construção dos interlocutores.

É aqui que os conhecimentos prévios do leitor são acionados e fazem com que este faça as inferências de determinado texto apoiado nas informações presentes no texto, valendo-se de procedimentos subsidiários.

Menegassi (2005, p. 32), ressalta que o leitor pode se aproximar das intenções do autor, atribuir possibilidades de intenções, todavia não chegar ao íntimo do autor. É possível depreender a diversidade de leituras possíveis para um mesmo texto, pelo fato de que os leitores não são iguais, ou seja, cada indivíduo tem seu conhecimento de mundo.

Pelas palavras do teórico, nesse sentido, o leitor pode fazer conjecturas sobre o pensamento do autor mediante inferências, podendo, ainda, depreender sobre quais suas intenções dentro do texto, mas nunca poderá visitar o âmago do mesmo.

De acordo com esta concepção, as influências dos contextos sócio-histórico e ideológico devem ser consideradas, levando em consideração a

heterogeneidade, dinamicidade e mutabilidade, mas concentrada, sobretudo no fenômeno da linguagem.

Como já foi dito anteriormente, a leitura, como bem se sabe, é fator essencial como parte do conhecimento do ser humano e não deve acontecer de forma mecanizada ou decodificada, mas de modo a gerar um ser capaz de criar, pensar e repensar. De acordo com Bamberger (1977, p. 12), “a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. O trabalho sobre a linguagem é o trabalho sobre o homem”.

Assim, este processo está diretamente associado ao desenvolvimento cognitivo do próprio ser e inegavelmente importante com o meio de desenvolvimento pessoal e social, e sua abrangência não se resume a uma obrigação escolar ou a simples lazer.

Conforme Paulo Freire (1988, p. 11):

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Como fator essencial à vida da pessoa, a leitura deve estar presente em todos os níveis educacionais, pois tal processo se inicia ainda na infância do ser humano, fase em que a criança deve ser aguçada pelo gosto à leitura, para que seja um leitor desinibido nas fases que se seguem.

No contexto do Ensino Médio, a leitura é vista como um processo no qual os alunos já sejam capazes de construir significados sobre o texto (e deveria mesmo ser). Por sabermos que a leitura deve estar presente em todos os níveis educacionais, uma vez que esta inicia ainda nas séries iniciais, no qual a criança deve ser despertada pelo gosto da leitura, para poder então seguir sua vida como um leitor crítico, é por essa razão que acreditamos que o aluno que já chegou ao ensino médio tenha trazido essa habilidade desde a fase da infância.

Saber ler quer dizer pronunciar palavras, significa, no entanto, o exercício de aptidão que ultrapassa a ação de traduzir a mensagem escrita ou a decodificação do o sentido que há em cada frase, mas compreender a

interpretação de significados que começam a ser organizados e conectados aos já apreendidos anteriormente

A leitura no ensino médio é sem dúvida muito importante para o aluno nessa nova fase de sua formação, pois é lá que o aluno se transforma em um cidadão mais crítico e reflexivo, sendo capaz de atuar na sociedade com um pensamento mais crítico e que levará esse saber em seus estudos posteriores.

O processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, no Ensino Médio, deve pressupor uma visão sobre o que é linguagem verbal. Ela se caracteriza como construção humana e histórica de um sistema linguístico e comunicativo em determinados contextos. Assim, na gênese da linguagem verbal estão presentes o homem, seus sistemas simbólicos e comunicativos, em um mundo sociocultural (PCN, 2002, p. 139)

Apesar de haver uma referência ao ensino linguístico ou aos atos relacionados à disciplina de língua portuguesa no Ensino Médio, no exposto acima, todavia, cabe a opinião de que a leitura possibilita a aquisição das habilidades que tornam o indivíduo um ser com a visão intelectual ampliada.

Levar os alunos a ler corretamente é um dos maiores desafios a ser enfrentado pela escola e a instituição não pode se furtar a esta importante tarefa, pois a leitura é imprescindível para qualquer cidadão.

Sobre isto, veja o que diz Solé (1998, p. 33):

Considero que o problema do ensino da leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria contextualização do que é a leitura, da forma em que é avaliada pelas equipes de professores, do papel que ocupa no projeto curricular da escola, dos meios que se arbitram para favorecê-la e, naturalmente, das propostas metodológicas que se adotam para ensiná-la.

Desse modo, a autora pontua algo importante, que não se vede apenas aplicar métodos de ensino da leitura, mas contextualizá-la dentro da diversidade escolar, uma vez que não se trabalha a leitura somente nas aulas de língua portuguesa, mas também nas demais.

Afinal todos os docentes das demais disciplinas de fato devem contribuir para a melhoria da aprendizagem da leitura. Todo professor, não apenas o de português, é também professor de leitura, por isso devem trabalhá-la em todas as disciplinas do currículo escolar.

Sabe-se que o ensino médio é a etapa final da educação básica, mas isso não significa que o aluno deve praticar a leitura somente nesta fase, mas em todos os níveis da educação. Essa prática fará com que tais alunos adquiram maiores possibilidades de desenvoltura da leitura e de interpretação textual em cada nível que avançam. Nesta fase, torna-se ainda mais concebível que a leitura caminhe junto à criticidade, do olhar atento para todas possibilidades que um texto pode proporcionar.

Para que o aluno chegue a exercitar os domínios da leitura, este necessitará da ação direta do professor. Para Solé (1998), o professor é aquele que ensina e ajuda ao mesmo tempo a formar leitores competentes ao apresentar, discutir e exercitar as principais ações para a interpretação no que diz respeito as estratégias de leitura.

Nesse sentido o professor é peça fundamental para o vislumbre dos horizontes literários relacionados aos aprendizes das atividades pedagógicas voltadas para a leitura.

Em se tratando do ensino da leitura, a escola é, sem dúvida, a principal responsável pela transmissão desse conhecimento, pois está diretamente ligada ao processo cultural e científico, considerando que a escola enquanto instituição é quem está munida de suporte necessário e de competência para receber o aluno nos seus primeiros momentos da vida estudantil. Destarte, é de sua incumbência a provisão de mecanismos e a utilização de métodos eficazes de letramento no afã de tornar seu público cada vez mais cidadãos críticos e capazes de tirar suas próprias conclusões no meio em que estão inseridos.

Segundo Orlandi (1995), a leitura em seu objeto, o texto, fonte de sapiência da realidade, além de conectar sala de aula e sociedade, é revelação ideológica retificando, o ambiente escolar, caminho condutor para inovação das linguagens.

Sendo assim, fica evidenciada a relevância da escola quanto á mediação do processo de leitura, e a força que projetará o indivíduo ao contexto social por meio da conexão estabelecida entre docente-discente-sala de aula, a partir

do compartilhamento do conhecimento, uma vez que o bom leitor e sua qualificação são vistos como reflexos de uma boa educação (instituição), onde se iniciou seu itinerário secular.

Segundo Grazioli e Coenga (2014, p. 191):

Partilhar é o termo ideal, porque antes de tudo, leitura é uma experiência que envolve a troca, o diálogo e a interação. Muito se ouve falar que os alunos não leem. Há uma questão, no entanto, que deve anteceder a essa: como o professor enfrenta o desafio da leitura? Nesse sentido, o professor que deseja formar leitores e promover em sala de aula precisa se perguntar antes: Como me tornei leitor? Como descobri o interesse pela leitura? Qual a experiência de leitura que eu tenho que partilhar com os outros?

Neste sentido, todo sucesso exige esforço para a superação de obstáculos. Em se tratando de leitura não é diferente, pois o professor precisa ter consciência dos entraves relacionados ao desenvolvimento do processo, todavia, o docente envolvido efetivamente no desempenho do aluno refletirá, sobre si mesmo com base nas próprias experiências enquanto aprendiz de leitura, mas com foco na resolução dos problemas literários, enxergando a sala de aula como cenário onde abrir-se-ão as cortinas do conhecimento de modo a revelar nos palcos educacionais o artista que há em cada um de seus alunos.

Evidentemente as estratégias desenvolvidas pelo professor, no ambiente de aprendizagem, desencadeiam, diretamente no exercício da leitura, resultados pedagógicos e inferências como fatores determinantes para o aprendiz, como também para o profissional de educação e consequentemente para a instituição de ensino.

Não seria exagero afirmar que a função da escola consiste em estruturar as práticas pedagógicas do educando, em como desenvolver nele a capacidade de aprender sempre, com vistas à formação cognitiva, moral e social do indivíduo. Este processo de estruturação da pessoa dá-lhe condições cognitivas para discernir as situações desafiadoras presentes no meio em que está inserido.

No cenário escolar é comum os professores queixarem-se de dificuldades demonstradas por alguns de seus alunos, tais como “o aluno não sabe lê bem; o aluno consegue lê, mas não obedece às regras pontuação ou os gramaticais, enfim. Tais questionamentos, por si só, provam o nível de dificuldade detectado pelos docentes. A verdade é que os professores têm, diante de si, um grande desafio a ser encarado, pois o desentranhe dos discentes com sinais de dificuldades de desempenho exige um diagnóstico, pois tais obstáculos podem estar relacionados ao desinteresse do próprio aluno pela leitura, mas pode, também, ter tudo a ver com o contexto social, familiar, dentre outros.

Kleiman (2008, p.16) aponta outro problema. Para a autora, “ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido”.

Não se deve atribuir a causa do prejuízo totalmente ao aluno, tampouco ao sistema. O aprendizado é resultado de uma parceria estabelecida entre ambos. Quanto à desistência, o maior prejudicado, se não o único, é o desistente, todavia, as práticas das atividades de leitura devem ser atrativas, como também o sistema educativo e até o ambiente físico da escola devem estar devidamente ajustados às necessidades do público, com vistas a promover uma aula agradável e consequentemente produtiva.

A leitura tem que ser vista como algo de grande importância para a formação cidadã e que a mesma deve ser estimulada e agir como objeto de aprendizagem.

Conforme destacam os PCNs:

[...] é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder do seu ponto de vista, os objetivos de realização imediata. Como se trata de uma prática social complexa, se a escola pretende converter a leitura em objeto de aprendizagem deve preservar sua natureza e sua complexidade, sem descaracterizá-la. Isso significa trabalhar com a diversidade de textos e de combinações entre eles. (BRASIL, 1997, p.41).

Vemos, aqui, que o aluno precisa ter conhecimento da importância que a leitura exerce como um instrumento de valor e favorável em seu benefício,

porém, cabe à escola em conjunto com o professor proporcione atividades que estimulem a leitura, com intuito de formar leitores, não apenas indivíduos alfabetizados.

Problemas familiares ou socioeconômico não traduzem as únicas dificuldades encontradas pelo professor no contexto da sala de aula. Além desses, há outros e um deles, que podemos citar, é o não oferecimento de meios e recursos adequados para se trabalhar com leitura por parte da escola. Convém salientar que algumas escolas dispõem de mecanismos como ambientes apropriados, bibliotecas, entre outros, mas os professores negligenciam sua atividade e a obrigação de munirem-se das estratégias e métodos para a oferta de uma boa aula de leitura capaz de convencer seus alunos a participarem das aulas com gosto e prazer. ambas as partes. Onde o educador como mediador dessa formação deveria estar estimulado em praticar o ato de ler para que os alunos também se sentissem estimulados.

Segundo Bamberger (1988, p.14):

O professor, antes de tudo, deve apresentar aos alunos os fundamentos e instrumentos necessários ao aprendizado independente. Os valores que se podem adquirir através dos livros e da leitura só serão acessíveis, é claro, a quem tiver dominado as habilidades técnicas da leitura e possuir capacidade intelectual para ler. Em todo o mundo estão sendo feitas tentativas para melhorar o ensino da leitura, e também, através de experiências escolares e projetos de pesquisa, para verificar que métodos asseguram o maior sucesso. As dimensões deste trabalho, no entanto, não nos permitem mais que uma breve referência a tais esforços.

A aprendizagem com qualidade e independente está condicionada a fundamentos, métodos e instrumentos eficientes envolvidos no processo, portanto, de acordo com a opinião do autor, é dever do professor apresentá-los aos alunos, mas para isso, primeiro ele precisa munir-se de toda a ferramenta necessária à área de atuação em sala de aula.

Para Martins (1982, p.25) “a escola é o lugar onde a maioria aprende a ler, e muitos têm, talvez, sua única oportunidade de contato com os livros, estes passam a ser identificados com os manuais escolares”. Entende-se, nas

palavras da autora, que a escola é o principal lugar onde aprendemos a ler, e que esta não pode se furtar à sua incumbência enquanto instituição de ensino quanto ao provimento dos recursos didáticos, pois para muitos alunos, a escola é sua única opção e oportunidade de contato com os livros, fora dela, esta prática se torna inviável.

Para Magnani (1989), o professor tem papel importante no processo de formação de leitores, principalmente, sendo um referencial. Alguém que mantém em constância os estudos e o hábito de leitura, que fala com entusiasmo de suas leituras e do gosto pelas mesmas, repassando uma imagem positiva e de otimismo a seus alunos. Vejamos:

Se acreditamos na força transformadora da leitura da literatura, não podemos nos omitir enquanto cidadãos e educadores. Não podemos abdicar do papel histórico que nos cabe: de nos formarmos como leitores para interferir criticamente na formação qualitativa do gosto de outros leitores. (MAGNANI, 1989 p. 94).

Olhando por esta ótica, o professor como mediador do processo torna-se responsável pela aquisição da prática da leitura que deverá elaborar estratégias significativas para que ocorra a formação do leitor, de forma consciente pela prática concreta e efetiva do ler.

Um professor que se apega aos livros e demais materiais de estudo é alguém que possui, primeiramente o hábito e o gosto pela leitura, consequentemente mantêm-se atualizado, detém o conhecimento que lhe é necessário a cada dia, não alimenta o egocentrismo, antes tem o seu foco no desenvolvimento daqueles que estão à sua volta, inclusive seus alunos, pois ele, enquanto mediador do processo de transformação de hábitos, torna explícito seus conhecimentos, realiza-se um exercício amplo de raciocínio, tornando-nos indivíduos praticantes da categoria, sujeitos cultos, justos, solidários, sábios e criativos.

Segundo Silva (2009), é papel do professor refletir coletivamente sobre sua bagagem cultural, cruzando novos horizontes, impenetrado e acionando o mecanismo de aprendizagem, a fim de integrar interdisciplinaridade e planejamento com harmonia e coerência.

O professor deve ser alguém que tenha a competência para revelar aos alunos mistérios encobertos no mundo da leitura e mostrar caminhos que vislumbrem horizontes numa atividade recíproca, pois tão importante quanto ensinar a ler, é formar um bom leitor.

Sabe-se que a mediação da leitura ocorre, certamente, na escola em função da sociedade, mediatizada pelo professor, que por sua vez, tem a incumbência de formar professor leitor e posteriormente, profissional leitor. Portanto, caberá a ele desenvolver-se enquanto pessoa e profissional, de direitos e deveres, usufruindo da prática da leitura, a fim de contribuir com o exercício de uma cidadania crítica e justa por meio da busca de novas práticas e instrumentos de estudo e da leitura eficaz.

Na seção a seguir. Será apresentado os procedimentos metodológicos que fundamentaram a pesquisa.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa busca levantar algumas discussões acerca da leitura como uma prática fundamental no ensino médio, levando em conta a grande contribuição que a leitura promove para a aprendizagem dentro e fora da sala de aula.

Sobre a pesquisa, Gil (1996, p. 19) destaca que:

A pesquisa é um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema.

Com base neste conceito, desenvolveu-se uma documental. De acordo com Gil (2002, p. 45), a pesquisa documental “vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa”.

Já a “abordagem qualitativa aproxima-se do mundo dos significados, das ações e das relações humanas, um lado não perceptível e não captável em

equações, médias e estatísticas” (MINAYO, 1994, p. 22). E a respeito do aspecto descritivo, Moreira e Caleffe (2006, p. 70) sublinham que:

A pesquisa descritiva é um estudo de status que é amplamente usado na educação e nas ciências comportamentais. O seu valor baseia-se na premissa de que os problemas podem ser resolvidos e as práticas melhoradas por meio da observação objetiva e minuciosa, da análise e da descrição.

A escolha pelos tipos de pesquisas descritos acima se deve ao fato de se acreditar que estes são as formas mais adequadas para se estudar sobre a temática em questão e também por possibilitar uma análise mais profunda referente a natureza do objeto investigado.

A análise de dados foi feita por meio do livro de Língua Portuguesa da segunda série do Ensino Médio para análise de atividades propostas distribuídas nos capítulos de cada unidade. O livro didático utilizado pela rede estadual de ensino de Pernambuco faz parte da coleção “Se liga na língua”, de autoria de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi sendo publicado no ano de 2016. O recurso didático traz em sua capa informações complementares onde indica fazer parte do Programa Nacional do Livro Didático-PNLD. É composto por unidade temáticas relacionadas a Literatura, Produção textual e Linguagens.

5. ANÁLISE DAS ATIVIDADES DE LEITURA

Para discutirmos os reflexos advindos das relações entre o contexto e o ensino da leitura, tendo como base o leitor e o livro didático, é relevante tecermos uma análise sobre algumas propostas de atividades a partir das quais foram organizadas no material utilizado para estudo, e como estas podem interferir na estruturação da aquisição da leitura.

Exemplo 1:

O que é ser brasileiro? De que maneira essa identidade se manifesta em você? Muitos são os estereótipos divulgados sobre o Brasil no exterior. Mas, afinal, que marcas são características do nosso povo? Ou você acha que isso não existe?

Leia a letra de canção "Inclassificáveis", de Arnaldo Antunes, e conheça a visão desse artista paulistano sobre o Brasil.

• Leitura •

Inclassificáveis

que preto, que branco, que índio o quê?
que branco, que índio, que preto o quê?
que índio, que preto, que branco o quê?

que preto branco índio o quê?
branco índio preto o quê?
índio preto branco o quê?

aqui somos mestiços mulatos
cafuzos pardos mamelucos sararás
criolouros guaranisses e judárabes

orientupis orientupis
ameriquítalos luso nipo caboclos
orientupis orientupis
iberibárbaros indo ciganagôs

somos o que somos
inclassificáveis

não tem um, tem dois,
não tem dois, tem três,
não tem lei, tem leis,
não tem vez, tem vezes,
não tem deus, tem deuses,

não há sol a sós

aqui somos mestiços mulatos
cafuzos pardos tapuias tupinamboclos
americarataís yorubárbaros

somos o que somos
inclassificáveis

que preto, que branco, que índio o quê?
que branco, que índio, que preto o quê?
que índio, que preto, que branco o quê?

não tem um, tem dois,
não tem dois, tem três,
não tem lei, tem leis,
não tem vez, tem vezes,
não tem deus, tem deuses,
não tem cor, tem cores,

não há sol a sós

egipciganos tupinamboclos
yorubárbaros carataís
caribocarijós orientapuias
mamemulatos tropicaburés
chibarrosados mesticigenados
oxigenados debaixo do sol

ANTUNES, Arnaldo. Inclassificáveis. Disponível em: <http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_discografia_todas.php>. Acesso em: 10 nov. 2015



Fonte: Ormundo e Siniscalchi, 2016, p.37

A atividade de leitura da letra da música “Inclassificáveis” de Arnaldo Antunes, sugere fazer uma análise da visão estereotipada que os estrangeiros tem a respeito do nosso país, essa visão leva a dividir opiniões com um debate rico em opiniões diversas.

Exemplo 2:

PARA COMEÇAR: CONVERSA COM A TRADIÇÃO

O conto "Lá no morro" foi escrito pelo belo-horizontino Wander Piroli (1931-2006) e publicado, originalmente, na coletânea *A mãe e o filho da mãe*, em 1966. Faça uma leitura atenta do fragmento a seguir e perceba como, de maneira direta e objetiva, o escritor aborda um drama social.

• Leitura •

Lá no morro

Avistei-o subindo o morro. Mamãe estava junto ao fogareiro. Corri alarmado para avisá-la: "Papai envém aí". Ela me espetou os olhos apagados e os lábios se moveram lentamente. Não disse nada.

Papai atravessou a porta em silêncio e ao invés de chutar o tamborete arredou-o de leve. Observou-me num relance. Depois olhou mamãe que estava de costas, e deixou-se cair no tamborete. A cabeça pendeu sobre o caixote como se se tivesse desprendido do corpo. [...] Surpreendi-me avançando na sua direção. Parei perto do caixote com as pernas trêmulas, e antes que eu percebesse meus dedos já tocavam o ombro de papai.

Mamãe permanecia imóvel junto ao fogareiro, como se esperasse que a mão pesada a atingisse a qualquer momento. Angustiava-me um sentimento doloroso por papai: era como se o estivesse descobrindo sob a camada de violência, e agora ali restasse não apenas meu pai, mas a própria criatura humana na sua dimensão essencial e indestrutível. Olhei para mamãe. E gritei-lhe desesperadamente "Mamãe!" sem que ao menos tivesse necessidade de abrir a boca.

Final mamãe se voltou com o prato de comida e viu minha mão pousada no ombro de papai. Colocou o prato no caixote, perto da cabeça de papai. Ele continuou quieto, a respiração funda e descompassada. Mamãe acendeu a lamparina, e a claridade arredou as primeiras sombras da tarde para os cantos do cômodo. Em seguida, mamãe preparou a minha marmitta e por último o seu prato e ambos nos sentamos, eu no chão e ela no outro tamborete.

O arfar intenso de papai doía no silêncio. Olhei mamãe. Mamãe me olhou e disse:

— Come.

Depois fitou papai, de esguelha, e levou até à boca uma pequena porção de arroz. Mas teve logo que deixar o garfo de lado para conter o acesso de tosse com a mão. Papai então levantou a cabeça, encarou-a com os lábios abertos. Seu rosto estava molhado de suor. Abaixou os olhos para mim, fungando, e deixou a cabeça pender novamente sobre o caixote.

Ouvimos passos no quintal. Três homens saltaram dentro do barraco e um deles arrancou a cortina que dividia o cômodo. Antes que o coração me socasse o peito e mamãe imobilizasse o garfo e papai erguesse a cabeça, tiraram-no do tamborete, torcendo-lhe os braços.

Papai não tentou reagir, sequer parecia surpreso. Era como se já estivesse esperando aquele momento. Nem ao menos olhou para os homens que o subjugavam. Fitava apenas mamãe, imóvel e fria do outro lado do caixote. Um dos homens levantou o punho e bateu-lhe seguidamente na cara. Com a boca ensanguentada, recebia as pancadas sem tirar os olhos de mamãe.

Levaram-no, os braços presos às costas. Os socos continuavam no quintal e eram mais nítidos quando pegavam na cara de papai. As batidas foram-se distanciando. Mamãe estava com a cabeça quase dentro do prato e as lágrimas escorrendo de seu rosto pingavam sobre o resto da comida. A marmitta ainda tremia em minhas mãos e eu comecei a vomitar.

PIROLI, Wander. *Lá no morro*. In: TUFANO, Douglas (Org.). *Antologia do conto brasileiro: do Romantismo ao Modernismo*. São Paulo: Moderna, 1994. p. 110-111. (Coleção Trópicos). (Fragmento).

Tamborete: pequeno banco. De esguelha: de lado. Arredou: afastou.



SMITH, Sandra Burle Marx. *Cristo e favela*. 2012. Arte digital, 38 x 30 cm. Composição fotográfica do Cristo Redentor com a favela Chácara do Céu, Rio de Janeiro.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi, 2016, p.81

A atividade de leitura refere-se a um trecho de um conto contemporâneo herdado da literatura social onde reconhece a preocupação quanto a produção de uma literatura crítica. Dessa forma espera-se que os alunos percebam a dura realidade relatada no trecho e se envolva com expressividade no debate de opiniões.

Exemplo3:

Simbolismo: uma reação

As ciências, a produção em massa, a velocidade e o dito progresso trouxeram como já vimos, os realistas-naturalistas. Mas esses avanços também trouxeram prejuízos: o operário viu-se na condição de mera peça de uma grande máquina desumana, as desigualdades sociais entre as classes se evidenciaram e a competição se acirrou, o que levou filósofos como Schopenhauer (1788-1860) a questionar a total validade do conhecimento científico, visto pelos positivistas como única possibilidade de leitura do real.

Conscientes dos prejuízos ocasionados pela Revolução Industrial e da ineficácia da explicação dos fenômenos humanos unicamente pela ciência e pela razão, jovens artistas, no início da década de 1880, viram-se em crise e reagiram a ela por meio da fuga do real, da indiferença ao mundo ou da criação de obras herméticas, muitas delas inacessíveis ao público. A esse estado de espírito, marcado por uma sensação de mal-estar diante do mundo e revolta contra a sociedade burguesa, denominou-se **Decadentismo**, e sua faceta literária recebeu o nome de **Simbolismo**.

Schopenhauer cultiva o pessimismo e a dor existencial.

O primeiro a utilizar o termo Simbolismo, em substituição a Decadentismo, foi o poeta e ensaísta grego Jean Moréas (1856-1910).

A influência de Baudelaire

Publicada em 1857, a coletânea *As flores do mal*, de Charles Baudelaire, é considerada o marco inicial do movimento simbolista europeu. Leitor e tradutor de Edgar Allan Poe (que muito o influenciou), Baudelaire revolucionou a poesia francesa propondo que o poeta seria, na verdade, não um criador, mas um *decifrador*. De acordo com essa concepção, a realidade representaria um grande "poema" que deveria ser traduzido pelo poeta.

O texto a seguir compõe a obra *As flores do mal*.

• Leitura •

Correspondências

A natureza é um templo em que vivas pilastras
deixam sair às vezes obscuras palavras;
o homem a percorre através de florestas de símbolos
que o observam com olhares familiares.

Como longos ecos que de longe se confundem
numa tenebrosa e profunda unidade,
vasta como a noite e como a claridade,
os perfumes, as cores e os sons se correspondem.

Há perfumes saudáveis como carnes de crianças,
doces como os **oboés**, verdes como as campinas,
— e outros, corrompidos, ricos e triunfantes,
tendo a **efusão** das coisas infinitas,
como o **âmbar**, o **almíscar**, o **benjoim** e o incenso,
que cantam os êxtases do espírito e dos sentidos.

BAUDELAIRE, Charles. *Correspondências*. Trad. Gilberto Mendonça Teles. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012. p. 69.

O poeta francês Charles Baudelaire (1821-1867) é considerado um dos pioneiros da linguagem literária moderna. Casou-se com uma mulher de família aristocrática, mas teve um escândalo nos meios artísticos conservadores ao publicar *As flores do mal*. Após uma vida de excessos, morreu com apenas 46 anos.

Oboés: instrumentos musicais de sopro.
Efusão: escoamento.
Âmbar: cheiro suave.
Almíscar: substância aromática.
Benjoim: resina aromática.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi, 2016, p.144

A atividade apresenta um conto aberto a interpretações desde que sejam pertinentes e condizentes com o texto do autor, mesmo havendo complexidade em algumas palavras escritas no texto o intuito da atividade é perceber a correspondência entre a fusão dos sentidos presentes no texto.

Na parte de produção de texto selecionamos exemplos nos quais os alunos normalmente estão mais habituados com isso, busca-se o olhar crítico com a capacidade de ler as ideologias que presentes no texto para produzir e emitir juízo de valor.

Exemplo 4:

A produção de e-mails e as normas de interação

Como em qualquer outro gênero, a produção de bons e-mails depende de escolhas adequadas e da observação de certas restrições na forma de interação social. O produtor precisa usar a língua e demais recursos de expressão considerando as características de seu interlocutor e os objetivos da mensagem. Analise alguns desses aspectos, fazendo as atividades a seguir no caderno.

- 1 Observe a maneira como o cumprimento foi escrito nos e-mails.
 - a) Por que Yuri e Vivian alteraram a forma de escrita de seus nomes nos dois primeiros e-mails?
 - b) Que relação existe entre a alteração feita e o conteúdo dos textos?
 - c) Embora muito mais formal, a produtora do e-mail institucional também procura criar uma relação afetiva em seu cumprimento. Como faz isso?
- 2 Releia agora o campo de assunto dos dois primeiros e-mails trocados pelos colegas de faculdade.
 - a) O que significa "aeee"?
 - b) Por que "aeee" é suficiente para anunciar o conteúdo do e-mail?
- 3 Veja agora as fórmulas utilizadas para encerrar os e-mails.
 - a) "Beijos" e "Um grande abraço" revelam o mesmo grau de intimidade?
 - b) A aluna da faculdade e a coordenadora da escola têm o mesmo nome: Vivian. Por que assinam de modo diferente?
- 4 Releia um trecho de um dos e-mails produzidos por Yuri.

"PS: escrevi meio the flash pq a bateria do notebook tá acabando! Desculpa..."

 - a) O que significa "the flash"? De onde vem essa expressão?
 - b) Duas palavras estão em desacordo com as convenções da ortografia. Quais são elas?
 - c) O que justifica o uso dessas formas?

Limites no uso da linguagem

O e-mail pessoal permite que algumas convenções ortográficas deixem de ser observadas, além de ser mais tolerante em relação a descuidos de digitação, ausência de recursos de coesão textual, falhas na contextualização, entre outros aspectos. Isso, todavia, não se aplica ao e-mail institucional, porque é produzido em situações formais e se destina à transmissão de informações que precisam ser entendidas plenamente pelos leitores.

- 5 Os e-mails, sobretudo os pessoais, assemelham-se...

Fonte: Ormundo e Siniscalchi, 2016, p.203

Nas atividades de produção os desafios não são menores, mesmo um gênero aparentemente simples como o e-mail. Dentre os objetivos relacionados ao conteúdo apresentamos a capacidade de explorar os recursos estruturais, estilísticos e discursivos além da função social do e-mail.

A reflexão sobre a leitura na parte de linguagem recorre as especificidades dos diversos textos cujas condições são levantadas para identificar o conteúdo incorporado.

Exemplo 5:

Locução verbal é a expressão formada por um verbo auxiliar flexionado e um verbo principal na forma nominal: infinitivo, gerúndio ou particípio. Os principais verbos auxiliares são: *ter, haver, ser e estar*, mas há outros que também podem exercer essa função.

Verbos auxiliares e suas funções

Leia o título e a linha-fina de um infográfico sobre o futuro do planeta Terra.

INFOGRÁFICO

O FIM DA ODISSEIA TERRESTRE

POR Salvador Nogueira, Renata Steffen, Alexandre Jubran e Samuel Rodrigues

Um dia, quando o combustível do Sol terminar, nossa estrela passará por maus bocados. Mas não se preocupe: a vida na Terra terá acabado bem antes.

- 1 O que você entende por *odisseia* nesse contexto? Sabe qual é a origem dessa palavra?
- 2 Embora o tema do texto seja científico, a abordagem é informal. Mostre como isso se revela na linguagem.
- 3 O texto relaciona o fim da vida na Terra à extinção do combustível do Sol. O que acontecerá primeiro?
- 4 Por que o ato de consolar, expresso por "não se preocupe", é irônico?

Nesse texto, os verbos *terminar, passar e preocupar(-se)* aparecem conjugados em um tempo simples. Já *acabar* foi usado no futuro do presente composto, cujo sentido não é exatamente igual ao do futuro do presente simples. Embora ambos se refiram a ações posteriores ao momento da fala, a forma composta serve para estabelecer uma relação entre dois tempos, descrevendo uma ação que ocorre no futuro antes de outra também no futuro.

Para formar os tempos compostos, os verbos auxiliares *ter* e, mais raramente, *haver* associam-se ao particípio do verbo principal. Observe:

Indicativo	Pretérito perfeito composto	<i>tenho feito</i>
	Pretérito mais-que-perfeito composto	<i>tinha (havia) feito</i>
	Futuro do presente composto	<i>terei feito</i>
	Futuro do pretérito composto	<i>teria feito</i>
Subjuntivo	Pretérito perfeito composto	<i>tenha feito</i>
	Pretérito mais-que-perfeito composto	<i>tivesse (houvesse) feito</i>
	Futuro composto	<i>tiver (houver) feito</i>

Além de formar os tempos compostos, o verbo auxiliar tem outras funções, como veremos na página seguinte.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi, 2016, p.289

As atividades de linguagem permitem ao aluno explorar conceitos e contribui para sistematização de padrões dos gramaticais, além de revisar

conteúdos relativos às convenções da língua, contribuindo para o desenvolvimento da competência de pesquisa.

Exemplo 6:

PRA COMEÇAR

Os verbos não devem ser uma novidade para você, certo? Afinal, eles vêm sendo estudados desde seus primeiros anos escolares, sobretudo em suas formas flexionadas, cuja estrutura morfológica é bastante complexa.

Para iniciar a revisão e o aprofundamento do estudo dessa classe gramatical, vamos observar os verbos sob as perspectivas semântica e sintática. Leia a tirinha e responda às questões a seguir.

Benett

1 Por que o texto da pergunta, no primeiro quadrinho, não apresenta um traço como nos demais?

2 Qual é a expectativa de resposta para essa pergunta convencional?

3 Compare as pessoas e as formas verbais usadas no segundo e no terceiro quadrinhos para caracterizar as ações dos adultos. Em que elas diferem? O que explica essa diferença?

4 A personagem da tira, no segundo quadrinho, emprega a expressão *a gente*, mas faz a concordância da maioria dos verbos com a 1ª pessoa do plural. Que efeito é obtido com esse uso?

5 Que significado tem, no contexto da tira, o verbo *encolher*? Por que seu uso é especialmente expressivo nesse caso?

Fugindo da resposta mais convencional à pergunta "O que você quer ser quando crescer?", a personagem apresenta uma reflexão sobre a natureza do ser adulto em oposição à do ser criança. Com essa finalidade, a menina emprega o verbo *virar*, que evidencia uma mudança de estado. E, para explicar esses dois "estados", vale-se de verbos que descrevem ações praticadas em cada fase, com clara crítica àquelas que caracterizam o adulto. *Querer, crescer, brincar, imaginar, perder, trabalhar, pensar e encolher* são verbos, assim como *ser, estar, virar e ficar*. Mas há uma diferença entre eles: enquanto os do primeiro grupo indicam ação, os do segundo expressam estado. Sintaticamente, o comportamento dos dois tipos de verbo é bastante diferente, pois apenas os primeiros exercem a função de núcleo do **predicado**. Acompanhe a análise das frases a seguir.

Adultos: *só pensam em dinheiro.*
sujeito predicado

A gente: *encolhe.*
sujeito predicado

O verbo indica uma ação ou atividade e exerce a função de núcleo do predicado (informação mais importante).

Predicado é a parte da oração que declara algo sobre o sujeito.

291

Fonte: Ormundo e Siniscalchi, 2016, p.291

A oferta desta atividade pretende verificar o conhecimento prévio dos alunos acerca dessa classe gramatical reforçando, corrigindo e complementado

pelo texto teórico que antecede. Esse tipo de atividade serve como diagnóstico para verificar a existência de dificuldades relativas aos conhecimentos básicos.

6 CONCLUSÕES

Na época em que vivemos, espera-se dos cidadãos que estes sejam pessoas munidas de conhecimento ou que estejam em busca ativa por sua qualificação, a fim de que tenhamos um mundo socialmente equilibrado. Sabe-se que não são poucas as pessoas que, embora frequentem alguma escola, ainda apresentam algumas dificuldades com relação à leitura. Com base nestas informações, este trabalho vem tratar sobre a importância da leitura, temática voltada especificamente para o ensino médio, etapa final da educação básica, e foi com base em questionamentos de professores de várias escolas públicas.

Vimos que a leitura é fator importante para o desenvolvimento humano e que a execução desta deve ser parte integrante das práticas pedagógicas no seio das escolas. Convém salientar que não basta praticar a leitura ou significá-la, é preciso, antes, levar em consideração sua concepção e até redimensioná-lo quando necessário, pois o ato de ler não pode ser visto como o mero pronunciamento de vocábulos, ainda que com fluência, é preciso que se aprenda a ler e interpretar a mensagem que o texto repassa.

Neste estudo procurou enfatizar sobre a adoção das práticas de leitura desde as séries iniciais, fase que marca a base estrutural do ser humano. Falou ainda que para a leitura poder revelar toda sua importância, torna-se necessária que seja praticada por prazer e não por obrigação, para passar em avaliações ou concluir disciplinas.

Abordou também sobre o comprometimento que os professores devem ter com as atividades de leitura e as estratégias que devem ser utilizadas para sanar as dificuldades dos alunos que chegam ao ensino médio com certas deficiências. Ainda que os docentes estejam empenhados na tarefa de ensinar os alunos, há, ainda outras dificuldades que são aquelas oriundas do sistema, pois algumas escolas ainda precisam se adequar à realidade que satisfaça à legislação no sentido de munirem-se de recursos didáticos, estrutura e

ambiente fisicamente adequados que permitam o transcurso de uma aula agradável e produtiva.

Por fim, foram apontadas algumas das importantes contribuições da leitura para a vida dos cidadãos onde se verificou que o ato de ler é uma sementeira que mais tarde trará aos leitores os doces frutos de um processo árduo e difícil. Dentre os variados efeitos da leitura destacou-se que esta implica num ato de conquista para os que a buscam, conseqüentemente, a leitura dá ao cidadão a capacidade de agir crítica e reflexivamente, para opinar, sugerir e interagir em sociedade. Para concluir, falou sobre a inserção do indivíduo no convívio social, além de constituir uma importante fonte para aquisição do conhecimento e sem este, o homem está fadado ao fracasso, ficando reduzido à sua pequenez sem o estabelecimento de uma comunicação segura e eficaz.

REFERÊNCIAS

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 1ª.ED. São Paulo, Ática, 1988.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito da leitura**. Ática, São Paulo, 1987.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília/ DF: MEC, SEF, 1998.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine e MICHELETTI, Guaraciaba. **Teoria e prática da leitura**. In: Coletânea de textos didáticos. Componente curricular Leitura e elaboração de textos. Curso de Pedagogia em Serviço. Campina Grande: UEPB, 2002.

CASTELO-PEREIRA, Leda Tessari. **Leitura de Estudo: Ler para aprender e estudar para aprender a ler**. 2. ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2005.

CORACINI. MJ (org.). **O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira**. São Paulo: Pontos Editores, 2010,

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores associados, 1988.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOODMAN, K. S. **O processo da leitura**: considerações a respeito das línguas e do desenvolvimento. In: FERREIRO, E; PALACIO, M. G. (Org.) *Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

GRAZIOLI, Fabiano T.; COENGA, Rosemar E. **Literatura Infanto juvenil e leitura**: novas dimensões e configurações. Erechim: Habilis, 2014.

GROSSI, Gabriel Pillar. Leitura e sustentabilidade. **Nova Escola**, São Paulo, SP, nº 18, abr. 2008.

INDURSKY, Freda; ZINN, Maria Alice Kaner. Leitura Como Suporte Para a Produção Textual. **Revistas Leitura Teoria e Prática**, Nº 5, 1985.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**. Campinas: Pontes, 1989.

KLEIMAN. Ângela. **Texto & leitor**: Aspectos cognitivos da leitura. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 1999.

KLEIMAN. Ângela. **Texto e leitor**: Aspectos cognitivos da leitura.- 8ª edição- Campinas, SP: Pontes, 2002.

KLEIMAN. Ângela. Oficina de leitura: **teoria e prática**, 12ª Edição, Campinas, SP: Pontes, 2008.

KOCH & ELIAS, V M. **Ler e compreender**: os sentidos. 2006.

LINARD, Fred; LIMA, Eduardo. O X da questão. **Nova Escola**, São Paulo, SP, nº 18, abr. 2008.

MAGNANI, Maria do Rosário M. **Leitura, Literatura e Escola**: Sobre a formação do gosto. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. **Brasiliense**. 3ª Ed. São Paulo. 1984.

MARTINS, Maria Helena. 1982. O que é leitura. São Paulo: **Brasiliense**. 2012 – (Coleção Primeiros Passos)

MENEGASSI, R. J. (Org.). **Leitura e ensino**: conceitos de leitura. Maringá: EDUEM, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 1994.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

OLIVEIRA, Silvio L. **Tratado de Metodologia Científica**: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 1999.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo, Brasiliense, 1995.

SILVA, Ezequiel Teodoro. **Leitura e realidade brasileira**. Porto Alegre, 4ª ed. Mercado Aberto, 1988.

SILVA, Ezequiel Teodoro. 948. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura/ -10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SILVA, Ezequiel Teodoro. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia de leitura. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.